

ARTIGO

EFEITOS PSÍQUICOS DAS MIGRAÇÕES: A condição do migrante como “sujeito partido”

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137sujeitopartido>



Liliana Emparan

lilianaemparan@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4065558241660149>

Psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Doutora em Ciências (Psicologia Clínica) pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestre em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da USP. Coordenadora do Projeto Ponte. Autora do livro: A clínica com migrantes e o sujeito partido. (2025, Editora Escuta).

**Efeitos psíquicos das migrações: a condição do migrante
como “sujeito partido”**

**Psychic effects of migration: the condition of migrant as “broken
subject”.**

**Efectos psíquicos de las migraciones: la condición del migrante
como “sujeto partido”**

Resumo

Migrações são fenômenos que existiram desde os primórdios da vida. A adaptação se torna chave nesta discussão. Viver em outro país, conviver com culturas e línguas diferentes implica transitar por espaços não familiares, lidar com a estranheza, se haver com os efeitos psíquicos ligados ao luto, à uma imagem diferente de si e do outro, diferentes formas de habitar e pertencer, trabalhar e se vincular. Segundo René Kaës (1979), a migração implica processos de ruptura e sutura, singulares e plurais, onde o apoio e as redes construídas nos países de origem e destino serão essenciais. Há necessidade de um atravessamento do luto, das perdas que a migração significou, promovendo uma reconfiguração psíquica. Esta reorganização psíquica implica transitar entre pertencimentos e posições parciais, o que leva a uma imagem de si mesmo fragmentada, que denominamos de “sujeito partido”. O objetivo do artigo é discutir as implicações do migrar e seus efeitos psíquicos, tendo em vista o contexto atual da globalização. O referencial teórico é a Psicanálise, principalmente a Psicanálise de grupo representada aqui por René Kaës. Neste artigo se trabalhou com vinhetas clínicas.

Palavras-chave migrações, psicanálise, efeitos psíquicos, “sujeito partido”.

Abstract

Migrations are phenomena that have existed since the dawn of life. Adaptation becomes key in this discussion. Living in another country, living with different cultures and languages implies moving through unfamiliar spaces, dealing with strangeness, dealing with the psychic effects linked to mourning, a different image of oneself and the other, different ways of living and belonging, working and bonding. According to René Kaës (1979), migration involves processes of rupture and suture, singular and plural, where the support and networks built up in the countries of origin and destination will be essential. There is a need to go through the mourning, the losses that migration has meant, promoting a psychic reconfiguration. This psychic reorganization involves moving between partial belongings and positions, which leads to a fragmented self-image, which we call the “broken subject”. The aim of this article is to discuss the implications of migrating and its psychic effects, taking into account the current context of globalization. The theoretical framework is psychoanalysis, especially group psychoanalysis, represented here by René Kaës. This article used clinical vignettes.

Key-words: migrations, psychoanalysis, psychic effects, “broken subject”

Resumen

Las migraciones son fenómenos que han existido desde los albores de la vida. La adaptación resulta clave en este debate. Vivir en otro país, convivir con culturas y lenguas diferentes implica transitar por espacios desconocidos, lidiar con la extrañeza, con los efectos psíquicos del duelo, con una imagen diferente de uno mismo y del otro, con formas distintas de vivir y pertenecer, trabajar y vincularse. Según René Kaës (1979), la migración implica procesos de ruptura y sutura, singulares y plurales, en los que el apoyo y las redes construidas en los países de origen y destino serán esenciales. Es necesario atravesar el duelo, las pérdidas que ha supuesto la migración, promoviendo una reconfiguración psíquica. Esta reorganización psíquica implica moverse entre pertenencias y posiciones parciales, lo que conduce a una autoimagen fragmentada, que denominamos «sujeto partido». El objetivo de este artículo es discutir las implicaciones de la migración y sus efectos psíquicos en el contexto actual de la globalización. El marco teórico es el psicoanálisis, especialmente el psicoanálisis de grupo, representado aquí por René Kaës. Este artículo se ha trabajado con viñetas clínicas.

Palabras-clave: migraciones, psicoanálisis, efectos psíquicos, “sujeto partido”.

Introdução

Migrações são fenômenos que existiram desde os primórdios da vida, na tentativa de habitar a vasta diversidade do planeta Terra. O ser humano sempre lidou com os desafios de viver em diferentes ambientes e a tentativa de se adaptar a eles. A relação entre o ser humano, o entorno e os vínculos encena possíveis formas de lidar com a fragilidade humana e o desamparo primordial, tendo na migração uma alternativa. Como consequência, as pessoas se deslocavam em busca de refúgio formando agrupamentos. Adaptar-se implica lidar com uma tensão e um mal-estar advindos do conflito entre o prazer e o desprazer, a segurança e o novo, o uno e o múltiplo, o estranho e o familiar que fazem parte do desafio da vida. Viver em outro país, conviver com culturas e línguas diferentes implica transitar por espaços não familiares, especialmente os espaços externos e coletivos: o bairro, a cidade, o trabalho, a escola, a igreja. Implica também se haver com questões ligadas ao luto, à imagem de si e do outro, às formas de habitar e de formar parte, de trabalhar e se vincular, e uma certa reorganização psíquica. Há, portanto, uma tensão entre a abertura ao novo e estranho e o fechamento ao conhecido e familiar, entre a preservação da cultura originária e a abertura para a nova cultura do país de acolhida.

Migrar implica lidar com a ruptura advinda de deixar o familiar e aquilo que fora transmitido pela família, a escola, as instituições e a sociedade e se deparar com novas formas de organização do espaço, tempo, vínculos e normas sociais. Para que o sujeito possa continuar a viver ele precisará construir algum tipo de sutura para dar continuidade na sua vida. Como René Kaës (1979) destaca, a migração implica processos de ruptura e sutura, processos singulares e plurais, onde o apoio e as redes construídas nos países de origem e destino serão essenciais. Há necessidade de um atravessamento do luto, das perdas que a migração significou.

E luto, sabemos, é uma experiência que necessita de um tempo de atravessamento, pede um demorar-se na passagem para que se possa recolher, não sem dor, os ecos e os ocos do que foi perdido na perda. (Hassoun, 2023, p. 18)

As formas de viver no país de destino podem ser variadas: desde um profundo mal-estar por diversos motivos e a conseqüente tentativa de retornar ao país de origem; à permanência no país de destino, vivendo apenas em comunidades fechadas de nacionais; à construção de um lugar intermediário entre culturas e/ou a manifestação de um duplo sentimento de pertencimento ao país de origem e destino. Enquanto as duas primeiras formas de viver significam não adaptação e não integração ao país e comunidade de destino, a última implica uma certa negociação, algum tipo de resolução entre a identidade nacional originária e a migrante. Esta negociação psíquica implica transitar entre pertencimentos e posições parciais, o que leva a uma imagem de si mesmo fragmentada, o que denominamos de “sujeito partido”. O migrante reconhece a existência de raízes familiares, culturais, linguísticas e sociais ligadas à origem, mas também, a possibilidade de construir raízes espalhadas feito rizomas, ligadas a novos movimentos de enraizamento e pertencimento em relação ao país de destino, e que implica um trabalho de luto e reconfiguração.

Objetivos

Neste artigo temos como objetivo discutir as implicações do migrar e seus efeitos psíquicos, tendo em vista o contexto atual da globalização. Sabemos que existem diferenças consideráveis nos tipos de migrações, sejam voluntárias ou forçadas, assim como no fato de migrar individualmente, em família, se deslocar entre culturas e línguas conhecidas, ter acesso à moradia, emprego, documentação etc. Apesar de todas estas diferenças, discutiremos aqui o efeito de estranhamento e de ruptura que implica migrar e a possibilidade de construir uma continuidade na história do sujeito, um antes e depois da migração, tentando suturar a ruptura provocada pela perda e luto e a nova vida no país de acolhida.

Metodologia

Estas análises são fruto da Tese de Doutorado defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 2021. Para tanto, criamos uma metáfora que pudesse dar conta de descrever e acompanhar a condição psíquica e o percurso dos migrantes em relação ao pertencimento e adaptação ao país de destino, metáfora que denominamos “sujeito partido” (Pereira, 2021, Emparan, 2023). Nestes trabalhos, analisamos a história vivida por migrantes adultos que se deslocaram de forma voluntária para o Brasil, vindos de três países latino-americanos e um europeu.

Os motivos das migrações compõem um entrelaçamento de aspectos econômicos, laborais, políticos e vinculares, sendo os três primeiros casos analisados na tese migrações entre países sul-sul, e a europeia, uma migração entre países do chamado primeiro mundo para o sul global.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de referencial psicanalítico, que acompanhou os processos terapêuticos de pacientes ao longo de alguns anos. O referencial teórico é a Psicanálise, principalmente a Psicanálise de grupo representada aqui pelo psicanalista francês René Kaës. Para o presente artigo e devido ao propósito deste trabalho, trabalharemos com vinhetas clínicas.

Discussão: Globalização, Migração e seus predicados

Migrar rima com mudar, descontinuar, se aventurar, trilhar outros caminhos, sair do espaço próximo, se enveredar pelo desconhecido, correr riscos, tentar sobreviver e ter uma vida melhor, instaurar um antes e um depois, um aqui e um lá, construir e poder relatar essa história de deslocamento. É deslocar-se em decorrência de guerras, fome, desemprego, crises econômicas, políticas ou sanitárias, desastres climáticos, perseguição, violência, racismo, xenofobia, etc. Frente a estas situações, muitas vezes limite, os sujeitos encontram na migração, um caminho para superar obstáculos de difícil solução e quiçá, nas migrações forçadas, a única possibilidade para garantir a sobrevivência.

Migrar voluntariamente é muito diferente de fazê-lo de forma forçada. No primeiro caso, o sujeito consegue de alguma forma planejar seu deslocamento em termos de tempo e espaço: pode escolher o país de destino e a forma de alcançá-lo, - embora saibamos que a “escolha” também é parcial, devido às condições econômicas e laborais e ao perfil do migrante, restringindo ou impedindo sua entrada no novo país. No segundo caso, a migração implica uma fuga diante de uma perseguição que coloca o sujeito em alto risco. O migrante não pode escolher quando e para onde migrará, muitas vezes, nem consegue alcançar o país de destino devido a rotas de fuga perigosíssimas, ameaças constantes, extorsões de todo tipo, travessias extenuantes, risco iminente de morte etc. Quando consegue chegar ao país de destino pode ser um solicitante de refúgio, um autoexilado ou um apátrida. Feito este esclarecimento necessário, adotaremos a denominação “migrante” por englobar todos os tipos de migrantes, tanto o migrante econômico ou temporário, o migrante interno ou internacional, o refugiado, o apátrida, o exilado, etc.

Atualmente, observamos contingentes de pessoas em deslocamento como resultado da globalização: modelo que propõe um mundo sem fronteiras, livre circulação de pessoas e mercadorias, mas que produz exclusões, muros, campos de refugiados, etc. Escutamos, assim, a promessa de um mundo sem fronteiras, um canto da sereia semelhante ao do famoso texto *A Odisseia*, uma sedução que não é um convite real para todos.

Os deslocamentos na atualidade respondem à estrutura econômica do capitalismo transnacional que estabelece uma ordem internacional de exploração das chamadas nações centrais sobre as periféricas, os chamados primeiro mundo e o sul global, uma divisão que promove uma profunda desigualdade, aumento da pobreza e concentração de riqueza. O dito primeiro mundo precisa de mão-de-obra barata, incidindo numa divisão do trabalho onde alguns países, migrantes e populações marginalizadas realizam trabalhos com baixa remuneração, informalidade e perda de direitos, o que reduz os custos de produção. Pessoas de diferentes continentes são atraídas para estes países centrais pela necessidade de mão-de-obra, na promessa de uma vida melhor que raramente é alcançada.

Dentro dos preconceitos comuns estaria a ideia de que os migrantes vêm “roubar” empregos, o que não condiz com a realidade das funções comumente exercidas por eles/elas: trabalhos ligados à construção civil, aos cuidados com crianças ou idosos, à limpeza de empresas ou de casas, à manutenção de jardins, de casas ou pequenos consertos; trabalhos como garçons, atendentes, etc.

Ir embora, deixar o familiar, pode significar estar do outro lado do mundo e não poder mais retornar ao país de origem. Escolher o que se quer levar na bagagem ou não poder levar nada -a não ser as memórias- é um divisor de águas que explicita a vulnerabilidade migratória. Às vezes, migrar implica desconhecer totalmente o país para onde se pode ou se quer ir. Migrar é um ato de coragem e uma tentativa de preservação da vida e da integridade física.

A chegada e a vida no país de destino implica enfrentar novos idiomas, culturas, relacionamentos e regras e acordos sociais. A presença do migrante é percebida pelos locais, provocando estranhamento, curiosidade, podendo alcançar repulsa e ódio. Geralmente, o migrante é questionado em relação aos motivos da migração, porém, algumas vezes, cala ao ser invadido pelo medo, principalmente nas situações de cunho traumático vividas no périplo migratório. Além disso, as condições de acolhimento nem sempre são propícias para os migrantes, que podem enfrentar preconceitos e violência devido à sua origem étnico-racial, religião, sexo, cultura e língua de origem.

Sobre o estranhamento

O migrante - esse estanho-estrangeiro - é logo percebido como alguém que não é local: o seu corpo e vestimenta, sua língua e sotaque, seus costumes e formas de tratamento revelam um outro mundo desconhecido que pode ser sentido como ameaçante. O migrante encarna uma dupla estranheza: a figuração de um outro não familiar, desconhecido, e também a estranheza que insinua uma ruptura em relação a um outro espaço e tempo diferentes do atual: ele não é daqui.

A estranheza definida por Freud (1919) através da articulação entre o estranho-familiar (*unheimlich e heimlich*) encontra na hospitalidade e na hostilidade um expoente desta duplicidade, entre o acolher e receber e o expulsar e rejeitar. O neologismo *Hostipitalidade*, criado por Derrida (2003), condensa a ambiguidade de sentimentos que o migrante desperta, entre a hospitalidade e acolhida e a hostilidade e expulsão.

O estranhamento (*Unheimlich*) próprio e do outro aumentam especialmente quando são questionados sobre pertencimento e identidade: Quem é? De onde é? Por quê veio? Estes interrogantes causam angústia, ambiguidade e divisão. Do lado do migrante, o desafio, nem sempre consciente, é a possibilidade de se assumir como um sujeito intercultural, um sujeito em trânsito entre culturas e línguas, travessias entre origem e destino.

O Evangelho é incansavelmente atravessado pela pergunta: quem es Tu? É o estrangeiro, o viandante, o exilado que, todavia, hospeda e extrai de seu exílio a energia de hospedar. O outro é o enigma que me interpela e torna a questionar meu pensar. No encontro com aquele “tu” as-simétrico, o Outro que chega inopinadamente não está ao alcance da mão. Seu estar no mundo não é erigir-se num fundamento. É ir ao encontro do *eu*, ingressando como irreduzível diferença. (Maldonato, 2004, p 71)

A migração implica perdas, o luto de algo familiar que se deixou para atrás e a possibilidade de se aventurar pelo novo e estranho. Assim, quem migra precisará transitar não somente entre espaços e tempos diferentes, mas entre culturas e línguas diferentes que significarão renúncias, adaptações e ressignificações.

A questão da diferença linguística ganha um destaque nas migrações, já que implica a urgência de poder se comunicar, conseguir emprego, documentação, etc. Mesmo quando o país de acolhida não representa uma novidade ou requer a aprendizagem de uma nova língua, as marcas locais e diferenças culturais assinalam as nuances entre as línguas, os desafios de comunicação e os atos falhos. O contexto linguístico original insiste nas lembranças e nas formas de pensar e articular ideias, a língua de origem não é esquecida totalmente e pode ser acessada a qualquer momento.

A medida que o migrante se inscreve e constrói um pertencimento, o que vai acontecendo é que a transmissão da língua materna e nacional é recalcada, dando espaço, assim, para a apropriação da nova língua. As línguas de origem funcionam, segundo a definição poética do Hassoun, como contrabandistas da memória, elas não são esquecidas. “No entanto, essas línguas continuam a agir, seguem *correndo* a título de uma nostalgia.” (Hassoun, 2023, p. 65)

Para viver em outro país, o migrante precisará abrir mão de sua cultura e língua? Isto seria possível? O que significa adaptar-se ao novo país? Que tipo de vínculo ele estabelecerá com a nova cultura e o contexto social? E aqui estamos pensando também nas questões de grupo, já que a cultura do país de origem implica uma filiação e compartilhamento coletivos, assim como, de forma semelhante, a cultura do país de acolhida e a sua história, tradições e características próprias implicam uma construção grupal. Impõe-se, portanto, um trânsito entre o familiar e o estranho, um acesso mais consciente aos modelos culturais e familiares introjetados e geralmente inconscientes e recalçados.

Também levaremos em conta a interação entre atitudes e reações emocionais que surgem tanto na pessoa que migra quanto naqueles que constituem o ambiente que o deixa ou o recebe. Em relação ao primeiro, referimo-nos aos sentimentos do migrante para com seu grupo de pertencimento (libertação, perseguição, culpa, perda, etc.) e desse grupo para com ele. Quanto ao novo ambiente, pode receber o recém-chegado como um intruso, com rejeição e desconfiança, ou com vários graus de aceitação e esperança. Diante deles, o imigrante colocará em jogo suas possibilidades daquilo que se chama ‘adaptação’, ‘ajuste’ ou ‘integração’. Sem descuidar dessas categorias, tentaremos desenvolver, de outra perspectiva, a qualidade dos vínculos que podem ser estabelecidos entre o recém-chegado e o grupo receptor, que, em certa medida, serão influenciados pelas características das relações objetivas que o indivíduo teve antes, da migração e da comunidade que a recebe. (Grinberg, 1984, p. 12-13, tradução nossa)

Ao pensar em adaptação, pensamos na cultura, principal aspecto de humanização do sujeito e da constituição de grupos, destacando aqui a família e o grupo de nacionais. A cultura fornece elementos que delineiam um tipo de identidade cultural que diferencia o sujeito em relação a outros grupos e nações. A migração é um fenômeno que destaca e eleva a cultura como aspecto essencial da constituição psíquica singular e grupal e dos elementos ligados ao pertencimento, tais como normas sociais, língua, religião, costumes etc. Isto se deve à inevitável comparação entre as culturas de origem e destino, tanto na tentativa de compreensão do entorno, como de posicionamento frente ao país e grupo de acolhida.

René Kaës (2011) define a construção da subjetividade como algo da ordem do singular e do grupal, promovendo assim uma relação que perpassa o intrapsíquico (singular) e articula o intersubjetivo (plural). Ou seja, o sujeito sempre está se construindo na relação com o outro, no “entre”. Para o autor, o sujeito se constrói a partir da inscrição e elaboração das diferenças. Somada à diferença de sexos e de gerações, a cultura seria essa terceira diferença (1998) que incide, nas representações entre o eu e o outro. A cultura alcança, na sua teorização, portanto, um lugar de destaque em relação à construção da subjetividade.

O “sujeito partido”

Como referimos anteriormente a globalização traz efeitos importantes na estruturação dos países, não somente desde o ponto de vista econômico, mas também político, social e cultural. A globalização incide na ideia de uma “aldeia global”, ou seja, um mundo onde os limites geográficos e as fronteiras podem ser transpostas e é possível se locomover livremente, conhecer novas culturas e línguas, trabalhar e estudar em diferentes países, estabelecer relações interculturais etc. Este movimento de unificação não exclui movimentos na direção oposta, tais como separações, exclusões, hostilidades, intolerância etc. A diversidade e multiplicidade ganha força colocando o único e originário, os limites e fronteiras, em xeque. Constata-se, uma tensão entre o local e o global, entre o regional, nacional e transnacional, entre o singular e próprio e o compartilhado, entre o homogêneo e o heterogêneo, complexificando e questionando certezas. Paralelamente, existem cada vez mais casais e famílias interculturais, o que provoca grandes desafios na convivência e na imagem que essas pessoas tem de si e do outro. A diferença atravessa essas relações promovendo questionamentos sobre o que significa adaptar-se a um novo país, fazer parte e pertencer, num trânsito pelo estranho-familiar. Os sujeitos podem almejar e usufruir da experiência global e intercultural, mas ao mesmo tempo, se perceberem confusos, perdidos, divididos, questionando sua própria imagem e identidade. Como efeito disto o migrante pode sentir-se como um “sujeito partido”. Essa sensação de fragmentação gera perplexidade e questionamentos, conflitos vinculares e sofrimento inconsciente.

O nome “sujeito partido” sugere o movimento do migrante: aquele que parte, deixa seu país de origem e seu espaço familiar em busca de melhores condições de vida e que, uma vez estabelecido no país de destino, busca reconstruir sua história. Esta travessia e estabelecimento no país de acolhida, implica, contudo, sentimentos de divisão entre a percepção de aspectos positivos e negativos dos países de origem e destino, fragmentação em relação à família de origem e os novos vínculos, adaptação parcial ao novo contexto social, língua e cultura compartilhada. Daí a nomeação desta condição do migrante através da metáfora de um “sujeito partido”.

Desta forma, o que se coloca em conflito é a ideia de um pertencimento único, de uma identidade homogênea, uma imagem de si mesmo unificada que entra em choque e colide nas migrações. Sabemos que a Psicanálise não trabalha com o conceito de identidade, até porque se apoia na construção de um sujeito em transformação, apoiado na diferenciação eu/outro, a partir da diferença de sexos e gerações. Contudo, podemos pensar a identidade como uma certa imagem de si mesmo, um contorno psíquico que integra de alguma forma o sujeito. Assim, as identificações, entendidas como traços parciais introjetados dos objetos e vínculos significativos, constituem este sujeito, de forma a oferecer-lhe um pertencimento, um território psíquico, uma história social, cultural e vincular que o constitui. Nos processos de deslocamento todos estes processos constitutivos se vêm questionados, muitas vezes, de forma inconsciente. Observa-se sua expressão e tradução em sentimentos de perplexidade, tensões familiares, cobranças de fidelidade a certos modelos nacionais, críticas ao país de origem e incorporação de características locais, afastamento concreto da família de origem e um sentimento de falha ao não poder estar presente, entre outros aspectos que insistem. Neste sentido, a citação abaixo vem de encontro a um questionamento identitário que vai da mão da globalização e das migrações com seus efeitos e consequências na subjetividade e interculturalidade.

Nessa tarefa, a psicanálise poderia ser uma considerável ajuda. No século XX ajudou a desmascarar e denunciar o preconceito identitário, a livrar-nos de sua obsessão. A modernidade pretendia fazer coincidir a saúde mental com uma estrutura psíquica unitária, compacta e idêntica a si própria no tempo e no espaço (nesse esquema a loucura seria a irrupção da multiplicidade na unidade, a cisão, a fragmentação de uma estrutura que, justamente por ser unitária, percebe a multiplicidade como quebra e desordem). Mais tarde, com o auxílio da literatura, da arte e da filosofia, chegamos à consideração, para usar as palavras de Fernando Pessoa, que cada um de nós é uma “confederação” de *eus*. E isso, talvez desse ponto poderia ter início uma crítica do preconceito identitário. (Maldonato, 2004, p.69)

Vinheta clínica

A história migratória de Pierre, 54 anos, mexicano é complexa, pois inclui três países. Começara quando foi estudar na Europa, ainda muito jovem. Ao terminar seus estudos, decide retornar a seu país de origem. Em seguida, resolve migrar novamente, agora para o Brasil. Na primeira migração, Pierre sai do país, tanto pela oportunidade de estudar fora como principalmente pela difícil situação política do México naquele momento. Como retornado mexicano depois de mais de uma década fora, ficou pouco tempo em seu país. Todavia, era um retorno ansiado e idealizado, como uma volta à Terra Prometida; embora, também sentido com estranhamento, uma sensação de não mais pertencer ao seu país de origem. Já a migração para o Brasil teve motivo relacional. Na Europa, era bem tratado, por ser o mais jovem do grupo de estrangeiros estudantes e por ter aparência europeia. Relata que preconceitos e xenofobia contra estudantes estrangeiros eram usuais, especialmente por *skinheads*, mas também pelos nacionais. A questão de parecer ou não um colonizado/colonizador também se destaca nesse caso, como algo experimentado ao longo de sua vida e na Europa, quando Pierre se comparava com outros migrantes latino-americanos de traços claramente indígenas. Lembra uma cena no metrô, onde os *skinheads* ameaçavam estrangeiros: decidiu passar por entre eles aparentemente tranquilo, mas com muito medo e se expondo ao perigo de ser agredido ou morto. Acredita que foi principalmente seu “trajar europeu” que fez com que o deixassem passar. Mencionava espancamentos e assassinatos de estudantes estrangeiros por *skinheads*.

Esse clima de violência se estendia à universidade: estudantes nacionais eram excluídos se tivessem contato estreito com os estrangeiros; o clima era tenso e hostil. Pierre constrói uma defesa frente ao perigo de ser estrangeiro: quando entravam *skinheads* no trem, ele se virava para a janela e ficava horas só olhando a paisagem; “me distraía”, comentou bucolicamente. Apesar desse perigo, dizia que se sentia muito adaptado ao país e que aprendeu facilmente a língua local; também fez muitos amigos. Contudo, nos fins de semana, ficava recluso em seu quarto. Aos poucos, foi ficando evidente que outra defesa do Pierre era a negação de sua estrangeiridade latino-americana e de seus medos, que eram minimizados, como se ele tivesse escolhido livremente ficar no quarto e não sair.

Os seus medos aparecem num sonho em que a polícia batia à porta e vinha buscá-lo por estar em situação irregular; acordou suado e angustiado. A perseguição aos estrangeiros se concretizou nesse pesadelo. A partir do sonho, Pierre acessa conteúdos inconscientes fundamentais que incidem em seus medos e em suas formas de defesa. O sonho fala de lugares psíquicos de pertencimento que implicariam sair de um “limbo”, um lugar “nem aqui, nem lá”.

Ao terminar seus estudos, resolve retornar ao México: havia um forte desejo de voltar a seu país. Pierre se apresentava como “não sou daqui, nem de lá”. Lá na Europa e aqui no Brasil, ele era sempre visto como estrangeiro; percebe que quis muito voltar ao México para resgatar algo de sua identidade nacional. Vou ‘fazer pátria’ no México. “Vou restituir o que me deram... Eu vi a diferença entre a Europa oriental e a ocidental; a oriental cinza, e as cores nas outras cidades como Paris, Londres, Berlim, Bruxelas, Munique... Eu tinha saudade do México, da comida, do sol... Não queria mais ser migrante, queria dizer: Isto é meu! Lá na Europa, eu ouvia as notícias dizia: isso não é meu! Eu não pertencço a este lugar...”. “Mas cheguei ao México e vi que também não pertencia mais... Lá tem homofobia, machismo, racismo. Eu tentei, mas vi que não pertencia mais ao México. Não me identifiquei. Quando voltei ao México, achei as conversas bobas, superficiais, eu estava muito politizado depois de anos na Europa. Eles [seus amigos de infância] falavam de música, eu não tinha nada em comum com eles... eles brincavam de briga de mãos. Fiquei na defensiva”.

Neste relato vários aspectos de sua história, valores e vínculos originários e atuais são acessados. “Numa migração, com as muitas perdas que implica, seja no mundo interno como no externo, os lutos precoces são revividos” (Ferrero, 2019, p. 45, tradução nossa).

Essas lembranças e associações foram se produzindo ao longo da análise, e a sensação de não se sentir pertencente nem ao México, nem ao Brasil o angustiava. Afinal, quais eram seu lugar e seu grupo de pertencimento? Seria a Europa? Todo esse movimento de (des)apropriação, pertencimento e identificações teve como efeito a tomada de uma posição que o levou a se definir como um “cidadão do mundo”, um sujeito que poderia morar em qualquer lugar. Seria em qualquer lugar realmente? O que significa se colocar psiquicamente como um “cidadão do mundo”? Seria uma construção identitária híbrida, formada por características dos países onde morou? A expressão “cidadão do mundo” apontaria um lugar intermediário?

A metáfora do sujeito partido ajudou na percepção clínica de que Pierre procurava uma posição intermediária que pudesse reunir todas as suas experiências nas diferentes migrações, mas principalmente as várias facetas que compunham sua história: Pierre membro de uma grande família no México, Pierre solitário morando na Europa, Pierre com sua própria família e vivendo no Brasil.

Considerações Finais: Questões para a clínica

O migrante é afetado pelo processo de globalização e seus *slogans*, tais como: “cidadão do mundo”, “mundo sem fronteiras” e “aldeia global”. Ao decidir ou precisar empreender o deslocamento ou fugir sofre a pressão social de algumas construções míticas que chamei de o “mito do migrante exitoso” ou o “mito do retorno à Terra Prometida” (Pereira, 2021). Estes mitos são formados e impõem ideias e preconceitos generalizantes, não condizentes com a realidade de muitos migrantes que não conseguem alcançar esse chamado “sucesso” econômico devido à desigualdade, condições adversas de moradia e emprego, xenofobia, racismo que podem acompanhar a dura vida no país de destino.

O mesmo ocorre com a imagem mítica difundida de um lugar paradisíaco, uma “Terra Prometida”, que sabemos é impossível de ser alcançada, mas forma parte dos slogans do capitalismo, suas perversidades, ideologias eugênicas e meritocráticas.

Outro aspecto importante é o sofrimento de sentir uma imagem de si partida frente a situação de não ter nascido no país de destino, mas morar ali; não saber bem quem se é agora, ao ter adotado certos costumes estranhos à sua cultura; sofrer ao ser questionado por familiares e amigos por não pertencer/ ser “nem daqui nem de lá”. Tudo isto leva a uma incerteza sobre seu futuro, curiosidade e ambiguidade frente ao novo, tentando sustentar a tensão entre ser estrangeiro, local e ter um pertencimento intermediário. Este processo pode incidir em idealizações sobre o lugar de origem e destino, não condizentes com os motivos reais que o levaram a precisar migrar ou a dura vida de muito trabalho no país de acolhida, colocando em xeque a sua adaptação.

O que parece estar em jogo é a ideia de uma fidelidade às origens e uma impossibilidade de estabelecer críticas ao novo país, já que é muito comum que o migrante ouça a seguinte frase: Senão está gostando ou não está se adaptando aqui, por que não volta pro seu país? As tensões entre a língua e a cultura de origem e destino pressupõe um movimento de abertura, aprendizagem e reconhecimento, onde questões psíquicas constitutivas são revisitadas.

Os traços de identificação e pertencimento passam pela maneira como nos comunicamos, os códigos que utilizamos, o recorte de mundo que a história nos propiciou como sujeitos e como grupo. Tudo isto incide nas relações intrapsíquicas, nas formas como o sujeito agora pode, a partir de outros códigos recontar sua história, se reposicionar em relação às suas origens e também nas relações intersubjetivas que colocam novos formatos de vínculos, o que promove novas configurações psíquicas. Todos estes aspectos que foram levantados incidem nas formas de estar no mundo desse sujeito migrante singular e plural que passará a incluir outras formas de transmissão, legados duplos que incluam a cultura e língua de origem e destino, heranças múltiplas a seus descendentes.

Incorporar a divisão e a fragmentação da condição migrante visando essa continuidade de um ser múltiplo e intercultural é uma forma de lidar com o sofrimento, angústia e estranheza. Escutar o migrante a partir da condição de “sujeito partido” nos leva a considerar uma transferência em movimento, sempre oscilante entre o estranho-familiar, associações em línguas e culturas diferentes, um pertencimento duplo entre a origem e o destino, de um sujeito não fixo, mas intermediário, tentando construir uma continuidade psíquica a partir da ruptura que implicou a migração.

Referências

- Derrida, J. (2003) *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Emparan, L. (2023). Contribuciones a la clínica de la migración desde la metáfora del “sujeto partido”. In: Alves, R. J. *Clínica de la migración: abordaje, teoría y técnica*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires; RV Ediciones.
- Ferrero, L. (2019) *La experiencia de migrar: reflexiones psicoanalíticas*. Buenos Aires: Biebel,
- Freud, S. Totem e Tabu. (1913/1980). In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- O “estranho”. (1919/1980. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grinberg, L e Grinberg, R. (1984). *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial.
- Kaës, R. (1978) *Différence culturelle et souffrances de l'identité*. Paris: Dunod.
- .(1979) *Crisis, Ruptura y superación: introducción al análisis transicional*. Buenos Aires: Cinco.
- .(2011) *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola,
- Hassoun, J. (2023). *Os contrabandistas da memória*. São Paulo: Blucher.
- Maldonato, M. (2004). *Raízes errantes*. São Paulo: SESC São Paulo.
- Pereira, M. L. I. E. M. (2021). *A clínica psicanalítica com migrantes livres e a hipótese do sujeito partido* (Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-24072021-134753/>

COMO CITAR ESSE TEXTO

Emparan, L. (2026). Efeitos psíquicos das migrações: a condição do migrante como “sujeito partido”. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.2, 22-39. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137sujeitopartido>

RECEBIDO EM: 23/05/2025
APROVADO EM: 16/03/2026